

Trabalhos Científicos

Título: Eficácia De Protetores Solares Físicos Versus Químicos Em Crianças: Revisão Sistemática

Autores: PALOMA DE OLIVEIRA FARIAS (PUC MINAS), SARA PEREIRA COELHO MARQUES (PUC MINAS), EDUARDA DE OLIVEIRA KARKLINS (PUC MINAS)

Resumo: A exposição solar na infância está associada ao risco aumentado de desenvolvimento de câncer de pele na vida adulta. A fotoproteção adequada é essencial, especialmente em crianças com pele sensível. Dentre as opções disponíveis, os protetores solares físicos e químicos apresentam mecanismos distintos de ação e perfil de segurança, sendo necessário avaliar sua eficácia e tolerabilidade na população pediátrica. Comparar a eficácia e segurança de protetores solares físicos versus químicos em crianças, com foco na prevenção de eritema e reações adversas cutâneas. Revisão sistemática baseada nas diretrizes PRISMA. Foram realizadas buscas nas bases PubMed, Scopus e Cochrane Library, incluindo estudos clínicos e observacionais publicados entre 2012 e 2024, envolvendo crianças de 6 meses a 12 anos. Os critérios de inclusão abrangeram comparações diretas entre filtros físicos (óxido de zinco, dióxido de titânio) e químicos (avobenzona, octocrileno, entre outros), com avaliação de eficácia fotoprotetora e segurança dermatológica. Foram incluídos 12 estudos, totalizando 3.174 crianças com idades entre 6 meses e 12 anos. Em 8 estudos, os protetores solares físicos (compostos por dióxido de titânio e óxido de zinco) demonstraram eficácia equivalente ou superior aos filtros químicos na prevenção do eritema solar, especialmente em exposições prolongadas. A redução da incidência de queimaduras solares foi de até 75% com o uso diário de protetores físicos em comparação com 65% com os filtros químicos, em condições similares de aplicação e reaplicação. Além disso, 6 estudos destacaram uma menor taxa de eventos adversos dermatológicos com os filtros físicos, com reações como prurido, ardência e eritema de contato ocorrendo em menos de 3% dos casos, em contraste com até 9% nos grupos que utilizaram filtros químicos. Crianças com histórico de dermatite atópica apresentaram melhor tolerância aos filtros físicos em 4 estudos clínicos controlados. Contudo, a aceitabilidade cosmética foi um desafio: 7 estudos reportaram resistência por parte dos cuidadores quanto ao uso contínuo dos filtros físicos devido à textura espessa e ao resíduo esbranquiçado na pele. Já os filtros químicos tiveram melhor adesão em ambientes escolares e sociais, mas exigiram reaplicação mais frequente devido à menor estabilidade frente à radiação UV. Tanto os protetores físicos quanto os químicos são eficazes na fotoproteção infantil, mas os físicos apresentam melhor perfil de segurança cutânea. A escolha deve considerar fatores individuais, como tipo de pele e aceitação cosmética. Protetores híbridos podem ser uma alternativa promissora.